

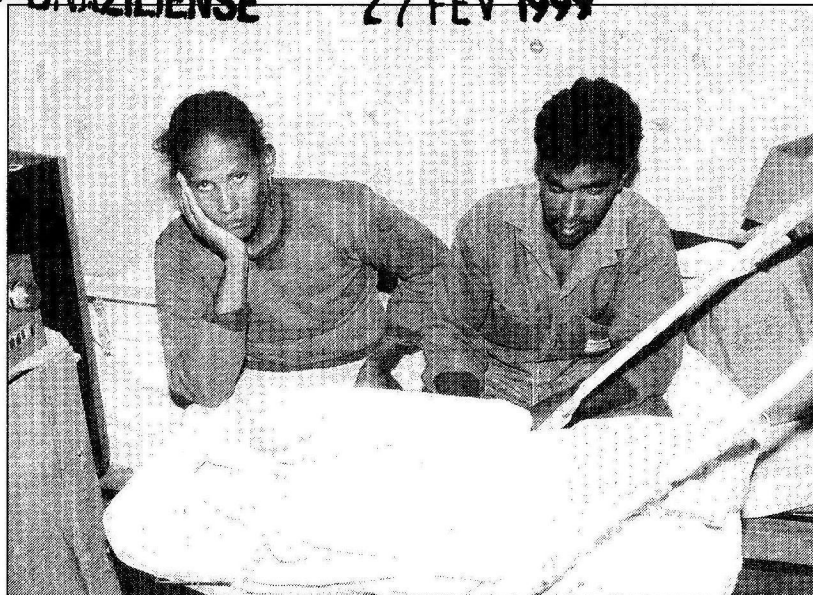
Karla Mendes

Da equipe do Correio

Baiana de Serrinha, Marilene Santos entrou no Palácio do Planalto com o sobrinho, Agnaldo Avelino dos Santos, de três meses agonizando nos braços. Pediu pelo amor de Deus para ser atendida no posto médico. Junto com ela, dois policiais militares reforçavam o pedido — e acudiam a mãe da criança, Maria de Lurdes Avelino dos Santos, que havia desmaiado. Ouviram do segurança, P.S.L., que os médicos só poderiam atender os funcionários e autoridades. O menino morreu, na tarde de quinta-feira, minutos depois de ser socorrido no Hospital Universitário de Brasília (HUB).

A ocorrência foi registrada na 2ª Delegacia de Polícia, na Asa Norte. Segundo o laudo nº 384 do Instituto Médico Legal (IML), a causa da morte da criança foi asfixia accidental de conteúdo gástrico. “Que tragédia. Pedi para colocar ele só um pinguinho no balão de ar para agüentar até chegar no hospital, mas o segurança disse que não podia. Mandou chamar o Corpo de Bombeiros”, revolta-se Marilene, que cobra castigo para o funcionário do Palácio do Planalto.

A agonia de Agnaldo, que nem tinha sido registrado ainda, começou em Valparaíso. Depois de tomar meia mamadeira de leite, Maria de Lurdes, 26 anos, percebeu que o coração do filho parecia ter parado. Deu um grito e desmaiou. Foi acudida pela irmã Marilene, 21. Não acharam ambulância disponível para levar a criança ao Hospital Universitário. “Foi lá que ele nasceu”, explica Marilene. Sem dinheiro, pe-



Maria e José, em frente ao berço que foi da filha, reclamam da omissão de socorro

garam carona num ônibus coletivo. Já num ônibus de Brasília, passando pela Esplanada dos Ministérios, foram aconselhadas pelo motorista a pedir socorro no posto médico do Palácio do Planalto.

Nem mesmo a companhia dos soldados da Polícia Militar, João Antonio Batista e Aluisio Abreu Cirineu, que trabalham no Posto da PM do Palácio, foi suficiente para amolecer as regras do segurança. Os policiais pediram, então, a ajuda de um taxista — Maria Lurdes só lembra o sobrenome, Maciel —, que levou todos para HUB. “Os policiais ficaram com a gente até o fim”, conta a mãe. No hospital, o menino ainda chegou a ser colocado em aparelhos respiratórios, mas não resistiu.

Bebê prematuro, Agnaldo ficou dois meses internado no berçário do HUB. “Tinha só três semanas que ele estava com a gente”, cho-

ra Maria Lurdes. Nasceu com problemas respiratório e nas duas pernas. Desde do nascimento, ele estava engessado para corrigir o problema. “Tô revoltado. Saí para trabalhar, meu filho estava bem e quando voltei, ele estava morto”, lamenta o pai, José Bispo dos Santos.

Ontem, ele tentou ir ao IML para ver o filho. Recebeu uma negativa. “Disseram que não podia. Só quando a gente fosse enterrar”, reclama José Bispo. Agnaldo deverá ser sepultado no Campo da Esperança na segunda-feira. “A gente não tem dinheiro nem para o caixão ou a sepultura”, acrescenta.

SERVIÇO

Para ajudar Maria Lurdes e José Bispo, os interessados devem procurá-los pelo telefone de recados 627-7878 ou no endereço rua 15 quadra 24 casa 6, Jardim Oriente, Valparaíso II.

■ Colaborou Luis Cláudio Cicci